

# FORMAÇÃO DO LEITOR: DIFICULDADES E DESAFIOS

**Alaine Cássia da Cunha Pires\***

alainecassia@hotmail.com

**Alice Atsuko Matsuda\*\***

alicem@utfpr.edu.br

\* Especialista em Educação e Letras – Alfabetização e Letramento: a literatura e a formação do leitor (UENP-CP).

\*\*Professora Adjunta da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba (UTFPR-Curitiba). Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Membro de GP CRELIT-UENP-CP e Discursos sobre Trabalho, Tecnologia e Identidades da UTFPR-CT. Curitiba-PR, Fundação Araucária, Pesquisadora do projeto "A Leitura e os jovens leitores: práticas de letramento no Norte Pioneiro-PR", Brasil.

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar dados constatados por meio de uma pesquisa de campo realizada no Colégio Estadual "Durval Ramos Filho" – Ensino Fundamental e Médio, da cidade de Andirá-Paraná, quanto às necessidades e as dificuldades dos professores de Língua Portuguesa em relação à metodologia aplicada para formar leitores. A partir do que foi constatado na pesquisa, como sugestão, foi indicada a possibilidade de pôr em prática o Método Receptional, organizado por Bordini e Aguiar (1993), propondo novas maneiras de trabalhar a leitura para superar as dificuldades que o professor enfrenta nas escolas públicas, visto que essa metodologia de ensino é sugerida nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná de Língua Portuguesa. Geralmente o que se tem presenciado nas escolas públicas são bibliotecas com falta de livros de literatura infantil e juvenil, de bons escritores, além de um número suficiente de exemplares que possa desenvolver o Método Receptional. Nota-se também, uma carência de fundamentação teórica e metodológica do professor, além da necessidade de "programas de ensino que valorizem a literatura, e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor", de acordo com Bordini e Aguiar (1988).

**Palavras-chave:** Formação do leitor. Método Receptional. Pesquisa de campo.

## **On the Formation of the Reader: Difficulties And Challenges**

**Abstract:** This article aims at conducting a field survey to analyze needs and difficulties of Portuguese-speaking teachers related to the methodology applied to form readers. From what was observed, as a suggestion, it shall be verified the possibility to implement the Receptional Method, organized by Bordini and Aguiar (1988), as the curriculum guidelines of Paraná, proposing new ways of work in reading in order to overcome the difficulties that the teacher faces in public schools. We have witnessed libraries which lack books of children literature and shortage of works by good writers for the juvenile public, Besides the negative impact of this on the development of the Receptional Method, we have noticed that there is lack of methodological and theoretical substantiation for the teacher. according to Bordini and Aguiar (1988, p. 17). There is also the need for "educational programs giving some more credit to literature and, above all, we need a democratic and symmetrical interaction between students and teachers".

**Keywords:** Formation of the reader. Receptional Method. Field research.

## Introdução

Um dos sintomas da crise do ensino da literatura é a falta de leitura por parte dos estudantes. Sabe-se que essa carência recai sobre outros tipos de problemas como a não assimilação da norma linguística, que impede o entendimento dos textos; o desinteresse pela matéria escrita dificulta a continuidade do processo de leitura e, portanto, a aquisição do saber. A dificuldade na expressão oral impossibilita também a expressão do lido e a verbalização das próprias necessidades que comprometem a atuação do aluno dentro e fora da escola.

O PNLL (2010), Plano Nacional de Livro e Leitura, tem como objetivo principal desenvolver o Brasil como sociedade leitora, com o intuito de criar uma política que promova o domínio da leitura e da escrita no país. No entanto, segundo o PNLL, mais de 60 milhões de pessoas, com idade superior a 15 anos, não concluíram oito anos de estudo, que seria um período mínimo de escolaridade como direito de todos pela Constituição Federal. A partir desses índices, entende-se o quanto a educação está fragilizada. É preciso que a criança/aluno usufrua de um ambiente que estimule a leitura, pois quem for capaz de ler bem qualquer texto terá mais probabilidade de adquirir o conhecimento necessário para a sua vida.

Regina Zilberman, no seu livro "A leitura e o ensino da literatura" (1991), mostra como o país vem envidando esforços com a finalidade de difundir o gosto pela leitura e literatura e de suplantando uma situação de atraso cultural.

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (1991, p.16).

O livro literário é material indispensável ao aluno em fase de escolarização. A maioria das escolas dificilmente estimula a prática de leitura, visto que, quando desenvolve atividade de leitura, obriga o aluno a ler e, raramente, o faz por prazer. Para que o incentivo à leitura seja realizado com sucesso, além de profissionais bem capacitados, os professores precisam de métodos que os auxiliem em sala de aula. É necessário evidenciar a importância do trabalho com a leitura literária nas escolas. Para isso, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCEs) sugerem o Método Recepcional, proposto por Bordini e Aguiar (1988), tendo como objetivo a ampliação

do horizonte de expectativas do leitor, apoiado na teoria da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss.

Além de uma metodologia específica, grandes dificuldades são encontradas quando o professor ingressa na rede estadual de ensino. Os docentes não conseguem conciliar uma boa aula com um método que lhe dê condições de desenvolver um bom trabalho didático. Embora as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa indiquem o Método Receptional para trabalhar com o ensino de literatura, faltam livros de qualidade, exemplares do mesmo título com certa quantidade, na maioria das escolas estaduais, dificultando a sua aplicação. Segundo Bordini e Aguiar (1988), para a aplicação do Método Receptional é preciso haver exemplares da mesma obra, promovendo a interação entre livro e criança.

Em 2010, o PNLL divulgou que um dos dados mais preocupantes é que apenas 50% dos livros de leitura foram comprados, além de que o acesso às bibliotecas é baixo, porque além de problemas de letramento, a rede de bibliotecas do país é reduzida. Faltam pessoas especializadas para desenvolverem um projeto nas bibliotecas, para que haja um incentivo, uma divulgação que desperte o interesse e a procura. Além disso, há falta de material disponível nas escolas públicas, de bons autores, matéria-prima imprescindível para desenvolver um bom projeto de formação de leitores. Além disso, as bibliotecas não possuem livros suficientes, principalmente livros de literatura infantil e juvenil.

Dessa forma, o presente artigo teve como objetivo inicial aplicar uma pesquisa de campo para verificar como os professores do Colégio Estadual "Durval Ramos Filho" – Ensino Fundamental e Médio, de Andirá, do Estado do Paraná, desenvolvem as atividades de leitura, além de verificar como são realizadas as aulas com o livro literário em sala e qual a metodologia aplicada. A entrevista teve a intenção de analisar como esses professores conciliam o trabalho de leitura com a de análise linguística, qual método utilizam, se possuem conhecimento sobre o Método Receptional e quais as dificuldades para aplicá-lo.

Assim, a presente pesquisa pretende auxiliar os professores na prática dessa metodologia sugerida pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008) e apresentar propostas de trabalho com textos literários, levando em consideração as dificuldades e desafios encontrados para que se possa planejar, analisar e aplicar o Método Receptional. Dessa forma, espera-se que os alunos alcancem índices satisfatórios de capacidade de leitura, que os levem a ser leitores mais competentes e críticos.

## 1) Questões teóricas: o método recepcional

O professor de Língua Portuguesa precisa de um apoio teórico e metodológico para que consiga realizar seu trabalho em sala de aula de modo produtivo, alcançando os objetivos da formação do leitor. Então, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, a escola deve ir além da simples leitura de textos como pretexto. É necessário que haja uma escolarização adequada para a literatura, que muitas vezes aparece fora do seu contexto ideal, de agente humanizador.

Em "A Escolarização da Leitura Literária" (1993), Aracy Evangelista explica que

Ao lado do acesso ao livro na biblioteca escolar, ao lado da leitura de livros promovida em aulas de Português, a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados. Certamente é nesta instância que a escolarização da literatura é mais intensa; e é também nesta instância que ela tem sido mais inadequada. (1993, p. 25).

A leitura literária escolar vem sendo objeto de estudo enquanto processo por muitos teóricos que começaram a enfatizá-la a partir das primeiras décadas do século XX. Esses estudos revelam a importância do leitor no processo da construção da leitura, em que o autor já não é mais o detentor único do sentido do texto. Para eles, o foco do trabalho com a leitura:

[...] deve recair sobre o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre o autor e a produção. O conceito de leitor deve se basear em duas categorias: a de horizonte de expectativa, misto dos códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas; e da emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade (ZILBERMAN, 1989, p.49).

A teoria da recepção possibilitou ao leitor ser ativo, e não passivo, como se apresenta nos primeiros estudos da literatura. Houve uma inversão metodológica no trabalho com a leitura. De acordo com a autora Mirian Hisae Yegashi Zappone (2005), no artigo *Estética da Recepção*, "[...] o leitor tem sido considerado peça fundamental no processo de leitura" (p. 153). O texto é parte do processo de conhecimento e não uma entidade autônoma.

Jauss introduz a discussão da estética da recepção nos aspectos históricos da literatura, levando em consideração o circuito formado por autor, obra e público sobre o qual a literatura age. A *Estética da Recepção* permite que a literatura seja mais ampla, fazendo repensá-la como categoria histórica e social.

Procurando atender às novas necessidades da melhoria da educação, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008) foram elaboradas entre 2004 e 2008 pela Secretaria de Estado da Educação, envolvendo professores da Rede Estadual de Ensino. Foram promovidos vários encontros e semanas de estudo para fundamentar o trabalho pedagógico e auxiliar o professor, a fim de fortalecer a educação. Acredita-se no trabalho do professor como sujeito epistêmico, e da escola como principal lugar do processo de discussão.

A escola pública está em constante mudança visando à melhoria da educação. Assim são elaboradas, frequentemente, novas concepções teórico-metodológicas que organizam o trabalho educativo, com objetivo de construir uma sociedade justa, em que as oportunidades sejam iguais, sem distinção de idade, classe, região, origens e crenças.

Na área de Língua Portuguesa, as DCEs (2008), primeiramente, apresentam fatos históricos sobre o ensino da Língua Portuguesa, destacando que

É nos processos educativos, e notadamente nas aulas de Língua Materna, que o estudante brasileiro tem a oportunidade de aprimoramento de sua competência linguística, de forma a garantir uma inserção ativa e crítica na sociedade. É na escola que o aluno, e mais especificamente o da escola pública, deveria encontrar o espaço para as práticas de linguagem que lhe possibilitem interagir na sociedade, nas mais diferentes circunstâncias de uso da língua, em instâncias públicas e privadas. Nesse ambiente escolar, o estudante aprende a ter voz e fazer uso da palavra, numa sociedade democrática, mas plena de conflitos e tensões. (2008, p. 38).

O professor tem acesso às principais informações sobre a história da evolução e concretização da Língua Portuguesa e Literatura na educação. Assim,

Considerando o percurso histórico da disciplina de Língua Portuguesa na Educação Básica brasileira, e confrontando esse percurso com a situação de analfabetismo funcional, de dificuldade de leitura compreensiva e produção de textos apresentada pelos alunos – segundo os resultados de avaliações em larga escala e, mesmo, de pesquisas acadêmicas – as Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa requerem, neste momento histórico, novos posicionamentos em relação às práticas de ensino; seja pela discussão crítica dessas práticas, seja pelo envolvimento direto dos professores na construção de alternativas. (2008, p. 47).

Com base na teoria de Bakhtin, as DCEs (2008) defendem que a partir do estudo dos gêneros do discurso, o aluno passa a compreender e interagir com os

discursos presentes no cotidiano. Assim, a escola precisa ser um espaço que promova o ensino por meio de diferentes textos com diferentes funções sociais, desenvolvendo a prática do letramento, abordando, além da leitura e da escrita, suas funções sociais.

Destacam-se, nas DCEs (2008), a oralidade, a escrita e a leitura como práticas discursivas. No

“processo de ensino-aprendizagem, é importante ter claro que quanto maior o contato com a linguagem, nas diferentes esferas sociais, mais possibilidades se tem de entender o texto, seus sentidos, suas intenções e visões de mundo.” (p. 55)

No tópico referente à literatura, nas DCEs (2008), é destacada a importância do literário que humaniza e transforma o homem e a sociedade. De acordo com Candido,

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...] Dado que a literatura ensina na medida em que com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] É um dos meios porque o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe. [...] Ela não corrompe nem edifica portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (1972, p. 805-806).

Para nortear o ensino da Língua Portuguesa, é sugerido o trabalho com a literatura a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss, visto que se evidencia o leitor como ser capaz de sentir e reconhecer subjetividades através da interação com a leitura.

No encaminhamento metodológico apresentado nas DCEs (2008), apresenta-se a sugestão do Método Recepcional, organizado por Bordini e Aguiar, para o trabalho com a literatura.

Optou-se por esse encaminhamento devido ao papel que se atribui ao leitor, uma vez que este é visto como um sujeito ativo no processo de leitura, tendo voz em seu contexto. Além disso, esse método proporciona momentos de debates, reflexões sobre a obra lida, possibilitando ao aluno a ampliação dos seus horizontes de expectativas. (1993, p. 74).

Na obra "Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas" (1993), as autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar defendem a utilização dos livros literários que possuem a atualidade e realidade necessária para desenvolver a capacidade de compreensão dos alunos. A imaginação do leitor deve ser estimulada, pois, através da sua experiência de vida, ele pode preencher lacunas que a memória lhe permitir. Bordini e Aguiar explicam que a literatura possui uma riqueza polissêmica que é

[...] um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre com outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo e manter-se nas amarras do cotidiano. (1993, p.15)

O método é fundamentado pela Estética da Recepção, que valoriza o papel do leitor como parte do processo de construção da obra. É por meio da experiência do leitor, estimulado pelo próprio texto, que o efeito da obra se fará sentir no leitor, dando-lhe condições de atribuir sentido ao que se lê. Para a Estética da Recepção, a atividade de leitura é aquela que desafia a compreensão do leitor, ou seja, que o leva a uma nova consciência crítica de seus códigos e expectativas habituais. Assim, desconstrói-se a ideia de uma única leitura, pois se há diferentes leitores, haverá diferentes leituras.

Bordini e Aguiar defendem a utilização de diferentes gêneros de textos para o desenvolvimento do leitor.

Numa sociedade desigual, os problemas de leitura se diversificam conforme as características de classe. As soluções passíveis se orientam para o pluralismo cultural, ou seja, a oferta de textos vários, que dêem conta das diferentes representações sociais. (1993, p. 13)

A aplicação dessa proposta metodológica proporciona a ampliação do horizonte de expectativa da criança, que se desenvolve de acordo com os pressupostos teóricos da Estética da Recepção. Ademais, é sustentada pela reação que o aluno vai ter quando entrar em contato com o texto. Assim, a maneira como o professor deverá interagir e inserir novos textos dependerá da recepção do aluno. Dessa forma, defende-se a expansão de horizontes das crianças, valorizando o papel do leitor nesse processo de ensino.

O Método Recepcional é composto por cinco etapas: (1) Determinação do horizonte de expectativas, etapa em que o professor procura conhecer o cotidiano dos

alunos, sua vida, valores, crenças, lazer e leituras; (2) Atendimento do horizonte de expectativas, momento em que o professor deve proporcionar experiências com textos literários que satisfaçam as necessidades dos alunos de acordo com o que eles já conhecem; (3) Ruptura do horizonte de expectativas, momento em que é feita a introdução de novos textos, que abalem as certezas e costumes dos alunos, utilizando uma linguagem que o aluno já conhece, mas diferenciada; (4) Questionamento do horizonte de expectativas, quando uma comparação é feita em reação ao que o aluno já conhecia e o que considera novo; e (5) Ampliação do horizonte de expectativas, última etapa do método, momento em que os alunos tomam consciência das alterações e das aquisições obtidas por meio da experiência com a leitura, quando eles percebem que são capazes de adquirir novos conhecimentos. O final dessa etapa é o início de uma nova aplicação do método, que evolui em espiral, sempre permitindo aos alunos uma relação mais consciente com a literatura e com a vida.

Segundo esse método, é necessária a oferta de livros que tratem de assuntos próximos à realidade dos alunos. Dessa forma, os livros literários atendem a esse quesito, fornecendo textos de linguagem compreensível, problemas e características dos personagens que se assemelham ao cotidiano do leitor.

Existem diferentes fatores que envolvem a escolha dos textos, pois em cada momento de sua vida, o leitor possui interesses variados. Uma criança, um adolescente ou um adulto mudará sua preferência por determinados textos à medida que se dá o amadurecimento do indivíduo.

O indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo, que é condicionada por uma série de fatores: os alunos são sujeitos diferenciados que têm, portanto, interesse de leitura variada. As pesquisas que se empenham em delinear um quadro dos interesses de leitura das crianças e jovens têm em conta, como elementos determinantes, a idade, a escolaridade, o sexo e o nível sócio-econômico. (BORDINI; AGUIAR, 1993. p. 19).

No ensino de literatura, há necessidade de um apoio teórico e metodológico para sua aplicação, para que se consiga alcançar objetivos positivos. É preciso mudar o modelo de aula que se costuma contemplar em sala de aula, somente guiado pelo livro didático ou pela forma historiográfica.

Portanto, é essencial que o professor conheça o acervo literário, infantil, juvenil ou adulto para selecionar os textos, de acordo com a vivência de mundo, experiência como leitor ou gosto dos alunos, como Bordini e Aguiar (1993) explicam. Para as

autoras, dependendo da classe social em que a população está inserida, é diferente a sua relação com a leitura.

Numa sociedade desigual, os problemas de leitura se diversificam conforme as características de classe. As soluções possíveis se orientam para o pluralismo cultural, ou seja, a oferta de textos vários, que dêem conta das diferentes representações sociais. (1993, p.13).

O professor precisa ter um bom conhecimento para selecionar esses textos de modo adequado, sabendo a maneira de introduzi-los sem causar espanto e assustar o aluno, mas que consiga romper os horizontes de expectativas dele.

Todo o texto, entretanto, independente do seu grau de realização artística, seja ele consagrado ou não, pode ser objeto de aulas de literatura, desde que seja visto na sua totalidade e que o professor esteja atento para o conjunto de normas que nele se configuram, sendo capaz de discriminá-las criticamente em contraste com os padrões estéticos e ideológicos de seu tempo. (BORDINI; AGUIAR, 1993. p. 40)

Com o passar do tempo, a educação começou a reconhecer diversos gêneros textuais da esfera social. As tipologias textuais descritivas, narrativas e dissertativas eram as únicas a serem trabalhadas em sala de aula. Entretanto, diante da necessidade de uma leitura mais aperfeiçoada para alcançar o objetivo de conquistar leitores, foram sugeridos novos trabalhos com diversos gêneros textuais.

Os gêneros textuais são todos os textos produzidos pelos usuários de uma língua, literários ou não. Bronckart (1999, p.137) os define como

[...] produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis [...].

De acordo com essa proposta, verifica-se que, apesar de conviver com o Método Recepcional durante toda a graduação, o professor recém-formado se depara com inúmeras dificuldades, necessitando se adaptar para conseguir realizar, positivamente, o processo de formação do leitor.

Apesar do aparato satisfatório que a metodologia nos oferece, existem outras dificuldades, tanto políticas quanto pedagógicas, que desmotivam o trabalho em sala de aula.

## 2. Pesquisa de campo: dificuldades encontradas

Com intuito de verificar como os professores do Colégio Estadual “Durval Ramos Filho” – Ensino Fundamental e Médio, de Andirá-PR, desenvolvem atividades de leitura do texto literário, foi realizada uma entrevista com perguntas abertas aos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, que atuam do 6.º ao 9.º anos.

Verificou-se que a maioria dos alunos da escola é de família de baixa renda. Todas as professoras de Língua Portuguesa trabalham também em outras escolas.

O colégio possui uma biblioteca que atende, aproximadamente, 710 alunos. O espaço físico foi reformado recentemente, há um computador para que os livros sejam cadastrados e dispõe de bom número de livros, porém não possui vários exemplares de mesma obra, o que dificulta a aplicação do Método Recepcional.

Para que o método tenha um resultado satisfatório, o ideal é que todos os alunos tenham contato com a obra, para que haja uma maior interação entre autor, texto, leitor e contexto. Alguns autores de literatura infantil e juvenil encontrados na biblioteca escolar são Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo, Domingos Pellegrini, Pedro Bandeira, entre outros. A coleção “Literatura em minha casa” apresenta livros com até 20 contos para serem trabalhados com os alunos.

O professor utiliza o livro didático em praticamente todas as aulas, pois além de ser oferecido pelo governo, é de fácil acesso. As aulas são preparadas pelo professor de acordo com o que propõe o livro didático. Infelizmente, os livros literários não são utilizados com frequência. Às vezes, o professor leva os alunos à biblioteca para que escolham o livro preferido. Ao perguntar sobre os livros literários e sua utilização em sala, o professor respondeu:

Praticamente não utilizo os livros literários. Quando preparo a aula com esse objetivo, procuro levar os alunos até a biblioteca escolar, onde escolho de acordo com o que eles preferem: romance, policial, cômico, mas são livros diferentes para cada aluno. No entanto, vejo que isso não funciona, porque os alunos não leem, não devolvem os livros. Uma vez separei a sala em dois grupos: um grupo leu um determinado livro e o outro leu outro livro, mas quando peço para levarem para poder realizar uma leitura em sala, metade leva o livro e a outra não. (PROFESSOR 01).

Nota-se, porém, que o professor deveria determinar primeiro o gosto dos alunos, as preferências deles, o nível de maturidade como leitor, para depois

selecionar as obras que se pretende trabalhar. É essencial o conhecimento recíproco para poder realizar um bom trabalho em sala. Além disso, não se deve utilizar o texto literário como pretexto para ensinar gramática, por exemplo. É importante o professor motivar os alunos a lerem a obra, instigando-os por meio da capa, da contracapa, das informações nas orelhas do livro, da ilustração, do título, enfim, criar um "mistério", incitando-os à curiosidade e à vontade de ler. O Método Receptional evidencia tanto o momento de escolha do material, quanto todo o trabalho que envolve o tema exposto na obra lida.

Constatou-se que os professores não têm conhecimento sobre a Teoria da Estética da Recepção e nem do Método Receptional. Além disso, disseram que nunca ouviram falar sobre isso no ambiente escolar, por isso não utilizam essa metodologia. Essa resposta nos faz repensar a formação continuada do professor e a desconsideração por parte deles das Diretrizes da Educação Básica que sugerem o Método Receptional.

Depois de uma breve explicação das etapas dessa metodologia, o professor explica as dificuldades de sua aplicação, na prática, por exemplo, devido às horas excessivas de trabalho, não conseguindo dispor de tempo suficiente para ler novos textos ou obras e planejar uma aula mais elaborada. Além do mais, disseram que o desinteresse dos alunos pela leitura acaba desmotivando-os. Ademais, acabam ouvindo reclamações tanto dos alunos quanto dos pais. A maior parte dos professores, quando começa o trabalho na escola pública, encontra diversas dificuldades, o que impede a utilização de uma metodologia, como explicitado no depoimento a seguir:

Com muitas turmas e escolas diferentes, é difícil disponibilizar tempo suficiente para a leitura e estudo de diferentes textos. Os alunos estão desmotivados, o contexto social não ajuda, são desobedientes e não se interessam por nenhum tipo de leitura. As leituras aplicadas quase nunca são positivas. (PROFESSOR 04).

Outra questão observada foi quanto à dificuldade de adquirir material, pois se a biblioteca não possui exemplares suficientes para todos os alunos, cabe ao professor "retirar dinheiro do próprio bolso" para completar as necessidades. Ao procurar uma maneira de melhorar a educação, verifica-se que são necessárias algumas mudanças na escola que, segundo o professor

Poderia ser mudada a organização da hora atividade, tendo horários seguidos, isso facilitaria na concentração do professor para tentar

planejar aula, fazer leituras de novos textos e etc; Para trabalhar com textos variados, o professor deve retirar dinheiro do próprio bolso, porque a escola não oferece nenhum tipo de ajuda para material, por isso a constante utilização do livro didático. (PROFESSOR 02).

Por mais que haja dificuldades na prática de uma metodologia, o professor, para alcançar índices positivos na educação e na formação do leitor, deveria seguir uma metodologia específica. É preciso de que o professor sistematize, de alguma forma, sua prática pedagógica, de maneira que possa visualizar o desenvolvimento dela e o crescimento de seu aluno.

### 3. Sugestão de prática pedagógica em sala de aula

Diante desse caos, propõe-se uma sugestão de como poderia ser aprimorada a prática pedagógica em sala de aula, ensinando literatura aliada aos eixos de ensino de língua portuguesa: leitura, oralidade, escrita e análise linguística.

Sugere-se uma prática metodológica, a partir do Método Recepcional, a alunos do 9.º ano, do Ensino Fundamental. A partir das observações das dificuldades que o professor enfrenta em sala de aula, apresentam-se propostas de trabalho com a leitura, tendo como ponto de partida contos, música, charge, história em quadrinho e poema. Esses textos são materiais de fácil acesso e facilitam o trabalho do professor.

O tema *Bullying* foi o escolhido por ser um dos principais problemas enfrentados na escola, atualmente. Ao notar que muitos pais e avós já sofreram esse tipo de preconceito no período escolar, mas somente agora foi reconhecido como incentivo à violência, verificou-se que poderia ser um tema interessante a ser debatido e verificado como é tratado no texto literário. Dessa forma, como sugestão, pensou-se em uma prática de leitura do texto literário com duração de um bimestre. Segue a explicitação das cinco etapas do Método Recepcional.

#### 3.1 Determinação do horizonte de expectativas

A determinação do horizonte de expectativas se dará a partir do gênero charge. O professor apresentará uma charge<sup>1</sup>, de Maurício Ricardo sobre *bullying*. Depois, os alunos deverão conversar informalmente com o professor sobre o assunto. Os alunos devem expressar suas ideias e opiniões. Ao final do diálogo, o professor deve sugerir

---

<sup>1</sup> RICARDO, Maurício. Charge para campanha contra *bullying*.  
Site: <http://www.youtube.com/watch?v=uH73IBo68OA>. Acesso em 01/10/2011.

um “desabafo”, em que os alunos poderão escrever em um papel, anonimamente, se já sofreram algum tipo de preconceito, por que e como reagiram, ou se conhecem alguém que passa ou passou por essa situação. Em seguida, deverão depositar em uma caixa. A partir desses bilhetes, o professor poderá utilizar os temas expostos em suas aulas como, por exemplo, a diversidade cultural, sexual, de religião, de etnia etc.

### 3.2 Atendimento do horizonte de expectativas

Para atender ao horizonte de expectativas, propõe-se como uma introdução apresentar uma parte da novela “Fina Estampa”<sup>2</sup>, da Rede Globo, no momento em que o personagem “Crô”, homossexual, é humilhado na praia por um homem que, aparentemente, não respeita nenhum tipo de diversidade. Assim, o aluno pode ter o conhecimento sobre a homofobia, através do gênero novela.

Pode-se também discutir o tema, enfatizando todos os tipos de preconceitos, tanto raciais quanto sociais, destacando-se a importância de os alunos se manterem informados sobre o assunto. Para isso, o professor em sala de aula, utilizará a música “Desperta”<sup>3</sup>, de Margareth Menezes, pois sua letra faz referência a aspectos da sociedade preconceituosa, principalmente sobre o preconceito racial. A canção também trata de violência, descaso e classe social. O título da música merece destaque por possuir um significado importante: o despertar contra o preconceito. Assim, o professor poderá chamar atenção dos alunos sobre esse aspecto.

Ao trabalhar com esse gênero, os alunos terão a possibilidade de conhecer o gênero canção, um texto que se estrutura em versos, destinado ao canto. Difere-se da música, pois esta corresponde à combinação de sons que produz melodia, através de instrumento musical. A canção é uma combinação de duas linguagens: verbal e musical.

Além da música, o professor também poderá mostrar uma história em quadrinho da “Mafalda”, uma personagem criada em 1962, pelo cartunista argentino Quino. Ela é uma garotinha de seis anos de idade, que, aparentemente, não difere em nada de uma menina típica de sua idade. No entanto, Mafalda possui uma visão aguçada do mundo, e vive fazendo questionamentos sobre assuntos como humanidade e paz mundial.

---

<sup>2</sup> SILVA, Aguinaldo. Novela: *Fina Estampa*, 2011.

<sup>3</sup> MENEZES, Margareth. Álbum: *Maga – Afropopbrasileiro*. Música: *Desperta*. 2001.

PARANÁ, Secretaria da Educação do Estado do. *Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná*. 2008.

Para completar essa fase, o professor deve apresentar uma reportagem sobre *Cyberbullying*, retirado da revista Nova Escola<sup>4</sup>. A reportagem aborda a humilhação que os jovens sofrem na sala de aula e no mundo virtual, como na internet e no celular. Mensagens com imagens e comentários depreciativos se alastram rapidamente e tornam o *bullying* ainda mais perverso. Como o espaço virtual é ilimitado, o poder de agressão se amplia e a vítima se sente acuada mesmo fora da escola. O pior é que, muitas vezes, ela não sabe como se defender.

A reportagem é um gênero de texto jornalístico, que transmite uma informação por meio da televisão, rádio ou revista, que ajuda o aluno a interagir com as notícias do cotidiano, a se informar de maneira relevante, sem expressar opiniões, deixando a avaliação por conta do leitor.

### 3. 3 Ruptura do horizonte de expectativas

Para romper o horizonte de expectativas, propõe-se a leitura do poema "Essa Negra Fulô"<sup>5</sup>, de Jorge de Lima. Poema que faz parte dos cânones da Literatura Brasileira, possui alguns elementos que destacam a construção da identidade afro-feminina, a submissão da negra, a sexualidade, a dependência e a aceitação. Após seu primeiro livro, o autor se aproxima da estética de sua época, o Modernismo, quando ofereceu condições maiores para a poesia negra aflorar. Destaca, assim, o quanto a arte modernista contribuiu para a afirmação da cultura negra como parte da identidade nacional. Os versos livres e brancos, com temática do nordestino e do negro, foram muito bem retratados em seu poema "Essa Negra Fulô".

Culturalmente, a poesia modernista, quando tematiza o negro, traz representações que associam a cultura afro-brasileira tanto a corpos oprimidos, encarcerados e subalternos, como a corpos livres cheios de prazer e vigor.

No poema contemporâneo, os versos de exaltação à Fulô se alteram, o narrador diz: "Essa nega Fulô! Esta nossa Fulô". A opção pelo "nossa Fulô" se justifica quando falamos de literatura afro-brasileira. Percebe-se que o poeta denuncia a difícil condição do negro no Brasil, que era entendido como uma propriedade; o escravo perdia a sua origem e sua personalidade para se transformar em um sujeito sem nomes ou antepassados.

---

<sup>4</sup> Revista Nova Escola. Edição 233. Jun/julho de 2010.

<sup>5</sup> LIMA, Jorge de. *Essa Negra Fulô*. Site: [www.revista.agulha.nom.br](http://www.revista.agulha.nom.br). Acesso em 10/10/2011.

Ora, se deu que chegou  
 (isso já faz muito tempo)  
 no bangüê dum meu avô  
 uma negra bonitinha,  
 chamada negra Fulô.

Portanto, a intenção de quem nos conta essa história é definir o grupo social para o qual sua fala está destinada e, geralmente, nesta literatura, o eu-enunciador reclama para si uma identidade negra e convoca seus interlocutores a reconhecerem as especificidades e os valores concernentes a ela. No poema de Jorge de Lima, Fulô recebe os atributos de quem não possui cultura ou história.

A escrava era solicitada para todos os afazeres ligados à senhora, sendo acusada de vários roubos e, também, condenada a um castigo. Ao se preparar para receber as chibatadas do patrão, embora contra sua vontade, a beleza de seu corpo seduz o seu senhor. O poema tematiza a difícil condição do negro na sociedade escravocrata brasileira de uma forma descontraída, sugerindo um desfecho inusitado, pois a situação acaba se invertendo: quando o senhor é seduzido pela beleza da negra, é a mulher branca que então é lograda por ter perdido seu marido para a escrava.

(...)  
 Ó Fulô! Ó Fulô!  
 Cadê, cadê teu Sinhô  
 que Nosso Senhor me mandou?  
 Ah! Foi você que roubou,  
 foi você, negra fulô?  
 (...)

A imagem do negro nesse poema é a mesma que aparece em várias produções que circulam oficialmente, e até mesmo extra-oficialmente, nos meios literários, como uma espécie de "objeto sexual". A negra era obrigada a suportar qualquer tipo de agressão, tanto verbal quanto moral, ou seja, o negro é retratado como objeto, sempre subserviente. O poema retrata a visão do branco em relação ao negro.

Com a intenção de mostrar versões diferentes, o professor poderá apresentar aos alunos o poema "Outra negra Fulô", de Oliveira Silveira<sup>6</sup>. Esse poema representa uma reescrita do poema "Essa negra Fulô", de Jorge de Lima. A reescrita tem como objetivo a quebra da ocupação da hegemonia canônica e o questionamento dos vários temas, enfoques, pontos de vista da obra literária em questão, os quais dão mais ênfase à mentalidade colonial.

No poema de Oliveira Silveira, há uma ressignificação da condição de ser mulher negra, sempre desvalorizada na historiografia, representada por sua passividade e submissão.

Outro aspecto que chama atenção é como a sinhá é representada por Oliveira Silveira. Ao invés de ser retratada como uma vítima da sensualidade da negra Fulô e do suposto comportamento de mero paciente do sinhô no ato sedutor, ela é caracterizada como "burra e besta". Se na versão de Jorge de Lima Fulô recebe os atributos de quem não possui cultura ou história, nesta, a sinhá é lesada pela sua falta de discernimento. Quando ela pergunta sobre seu sinhô, acusando-a do crime, esta lhe responde de forma assertiva e sem constrangimentos, ela ganha voz e assume seu ato "- É sim, fui eu que matou", não se comportando de forma servil, demonstrando autonomia com relação ao que fez.

Em seguida, para verificar o entendimento dos dois poemas, o professor poderá solicitar aos alunos para que redijam uma resenha, fazendo uma apreciação crítica sobre a análise dos dois contextos do texto. Nesse momento, os alunos põem em prática a escrita que parte de um planejamento das idéias do que será redigido. Primeiramente, deverão apresentar os dados referenciais dos poemas, dados sobre os autores, a época em que foram escritas e comentário crítico. Em seguida, após uma primeira versão, é feita a revisão, reestrutura-se e reescreve-se o texto. Questões gramaticais problemáticas que são verificadas nos textos dos alunos são trabalhadas posteriormente, sempre partindo das inadequações cometidas por eles.

O professor também poderá apresentar aos alunos o conto "Bife e a pipoca", que é parte integrante do livro "Tchau"<sup>7</sup>, de Lygia Bojunga Nunes. A autora apresenta a história de dois meninos de classe social diferentes. Tuca é um menino pobre e Rodrigo de classe social alta, porém se tornam amigos, apesar das realidades serem diferentes.

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA SILVEIRA. "Outra Negra Fulô". *Cadernos Negros* 11. São Paulo: Quilom-bjoje.

<sup>7</sup> BOJUNGA, Lygia. O Bife e a Pipoca. In: *Tchau*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

A autora narra de forma literária a realidade das dificuldades que a criança pobre enfrenta perante a materialidade supérflua da vida da criança rica, demonstrando a relação de amizade que supera as dificuldades e preconceitos sociais.

O conto começa com uma carta manuscrita, que um dos protagonistas, Rodrigo, remete ao seu amigo Guilherme, que se mudou do Rio para Pelotas, lamentando a saudade e contando as novidades da escola.

Os termos “bife” e “pipoca” servem para destacar a distância social entre Rodrigo e Tuca. Ao ser convidado por Tuca para comer pipoca, Rodrigo propõe almoçar antes na sua casa para depois subirem para o morro. Nesse momento é que aparece a consciência da diferença de realidade. Essa análise permitirá uma nova visão aos alunos sobre diferença social, as quais foram superadas pela amizade e sem a violência do preconceito. Além disso, o conto permite ao professor um trabalho com o gênero carta, na qual ele pode mostrar os diferentes tipos de linguagem, formal e informal, sugerindo uma troca de cartas entre os alunos.

### **3.4 Questionamento do horizonte de expectativas**

Nessa etapa, recomenda-se fazer uma comparação entre os textos anteriormente trabalhados: a música, a reportagem, o poema e o conto. Deve-se analisar a linguagem empregada nos textos literários e não literários – as diferenças, as características – e enfatizar o uso da linguagem conotativa e plurissignificativa do poema e do conto.

Como atividade, propõe-se que o professor solicite aos alunos a produção de um artigo opinativo, no qual os discentes deverão apresentar a sua visão sobre o tema, tendo como base os textos trabalhados e todos os tipos de preconceitos expostos. O professor deverá instruí-los sobre a estrutura do texto argumentativo, a linguagem utilizada e o nível linguístico empregado. O aluno deverá redigir a primeira versão e depois revisar, reestruturar e reescrever o texto, conforme as correções apontadas pelo professor. Em seguida, o docente deverá verificar os problemas gramaticais presentes nas produções dos alunos para que sejam trabalhados em sala.

Após a conclusão do processo de escrita, cada aluno deverá apresentar o seu artigo para a sala e explicar quais foram os pontos negativos e positivos sobre o tema abordado, para que os argumentos por ele apresentados sejam discutidos. Para finalizar essa etapa, os artigos deverão ser reunidos em forma de cartaz, que poderá ser exposto no colégio para a divulgação e conscientização do tema.

### 3.5 Ampliação do horizonte de expectativas

Na ampliação do horizonte de expectativas, solicita-se aos alunos a leitura do conto "Negrinha"<sup>8</sup>, de Monteiro Lobato. O conto apresenta uma breve narrativa, com forte concentração na ação, no tempo e no espaço, permitindo ao professor trabalhar com uma literatura de grande porte.

No conto "Negrinha", uma narrativa em terceira pessoa, impregnada de forte carga emocional, tem um narrador que se solidariza com a causa da personagem principal, uma criança órfã que sofre todos os tipos de agressões da dona da casa onde ela mora, a "bondosa" dona Inácia que, por "piedade", acolhe a pobre Negrinha depois da morte de sua mãe.

Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. (LOBATO, 1987, s/p).

É necessário ainda frisar que os grandiosos valores religiosos e morais de Dona Inácia entram em confronto a todo instante com sua verdadeira personalidade, fato este que pode ser percebido já no início da narrativa, quando o narrador relata para o leitor a triste situação em que vive Negrinha. Os históricos de crueldade de Dona Inácia com negrinha são denunciados pelo narrador de forma tão minuciosa que permitem ao leitor a visualização da cena. Essa observação pode facilmente ser constatada no *episódio do ovo quente*:

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos, sua cara iluminou-se.

-Eu curo ela! Disse – e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choça, a rufar as saias.

-Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

-venha cá!

Negrinha aproximou-se.

-Abra a boca!

<sup>8</sup> LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Site: [www.bancodeescola.com/negrinha.htm](http://www.bancodeescola.com/negrinha.htm). Acesso em 10/10/2011.

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois: Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu peste? (LOBATO, 1987, s/p.).

O narrador apresenta, nesse trecho, uma contradição de valores, de certa forma com ironia, ao caracterizar dona Inácia como uma “virtuosa dama”, “virtuosa senhora”, detentora de todos os valores cristãos, posição esta que lhe era sustentada pelo próprio padre que sempre estava em visitas à casa de dona Inácia, tirando-lhe o “peso dos ombros”, ou seja, justificando seus atos, passando por indiferente sobre a situação ali presente.

Pode-se também notar que não existe uma imparcialidade por parte do narrador no tratamento de Negrinha e sua antagonista Dona Inácia; ao contrário, percebe-se nele um espírito de proteção, uma voz que denuncia todas as crueldades sofridas por Negrinha.

É preciso insistir no fato de que o narrador também apresenta a protagonista ao contrário de Dona Inácia, ou seja, por meio de suas características sentimentais, o que se percebe pela fala e pensamento da menina por meio do discurso indireto.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginava coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia... Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome deste brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial. (LOBATO, 1987, s/p.).

Contudo, cercada por um mundo mágico, imaginário, de sonho, Negrinha sofre o grande golpe do destino, a morte. É nesse devaneio que pode ser percebida toda a subjetividade que existia dentro da pobre criança.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farandola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça – abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma nevoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longes, e pela

ultima vez o cuco apareceu de boca aberta. Mas, imóvel, sem rufar as asas. Foi se apagando. O vermelho da goela desmaiou...  
E tudo se esvaiu em trevas. (LOBATO, 1987, s/p.).

Por todas essas observações, pode-se dizer que o narrador se caracteriza como um “narrador heterodiegético”, onisciente, de terceira pessoa. Narra a história, embora não participe ativamente dela, mas conhece os sentimentos mais internos das personagens.

O trecho da obra citado acima, no qual o narrador descreve ao leitor como se deu a morte de Negrinha, enfim, o seu delírio, apresenta “traços surreais”. Esses traços podem ser detectados por meio do universo mágico e fantástico vivido por Negrinha no momento em que vê as duas meninas louras de olhos azuis as quais chega a comparar com anjos: “Do seu canto da sala do trono, Negrinha viu irromperem pela sala como dois anjos do céu...” (LOBATO, 1987, s/p.). Outro exemplo é quando olha pela primeira vez para uma boneca e entra em um estado de êxtase, de surpresa, pois nunca teve contato com nenhum tipo de brinquedo. Esses momentos revelam a verdadeira essência do que é ser criança negra ou branca, rica ou pobre: os sentimentos e vontades são os mesmos, diferindo apenas as condições sócio-econômicas e culturais vividas por elas.

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma, na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca, preparatório, e o momento dos filhos, definitivo. Depois disto está extinta a mulher. (LOBATO, 1987, s/p.).

Dessa forma, o conto “Negrinha” é apresentado ao leitor revelando situações dramáticas, de sofrimento humano. Essas situações despertam no leitor um sentimento de compaixão, de espanto e de reflexão sobre seus próprios atos.

Negrinha suporta todo seu martírio, até o dia em que conhece o mundo do sonho, da fantasia e da brincadeira. Neste momento, ela se dá conta de que é privada de todo este maravilhoso universo que é ser criança e morrer.

Em “Negrinha”, podem-se observar, bem delimitadas, todas as partes de que deve se compor um conto: a apresentação (trazendo ao leitor uma breve situação cotidiana, uma menina que com a morte de sua mãe fica sob os cuidados da patroa, que o narrador apresenta como detentora de inúmeras virtudes, qualidades estas que logo caem por terra, já que ele mostra sua verdadeira personalidade); a complicação (o fato de a simples presença da menina atrapalhar e irritar D. Inácia, a tal ponto que esta aplica à menina castigos que jamais poderiam ser imaginados, como a cena em

que coloca um ovo quente na boca da menina e a tampa de forma que ela não pudesse jogá-lo fora); o clímax (quando Negrinha ainda que em sonhos “conhece” outro mundo, o mundo da fantasia, do brincar, do ser realmente criança, da felicidade que nunca teve); e o desfecho (a morte, que representa nela o triste fim reservado a esta parcela da sociedade, excluída de todos os direitos. A morte de Negrinha representou, para os que ficaram, apenas mais uma que falece).

O conto será aplicado primeiramente em sala; o professor deverá começar a leitura junto com os alunos, deixando a continuação da leitura por conta deles, instigando sua vontade de ler e sua curiosidade. Durante a leitura, feita tanto na sala quanto fora dela, devem ser realizadas discussões que levarão os alunos a refletirem sobre as formas de preconceito, repensando suas atitudes e pensamentos.

Como sugestão de uma obra literária, caso haja possibilidade de aquisição, poderá ser lido o livro “Todos contra D@nte”, de Luis Dill<sup>9</sup>. A obra trata do tema do *cyberbullying*, além da questão da diferença de classes sociais e valorização da aparência sobre a essência do ser humano. Em uma linguagem ágil e bem arquitetada, imitando o espaço virtual dos sites sociais, o escritor consegue prender o leitor do começo ao fim. A história leva o leitor a refletir sobre a violência camuflada da sociedade atual, dialogando com a obra “A divina comédia”, de Dante Alighieri.

Portanto, verifica-se que o Método Recepional não finaliza ao terminar as cinco etapas, mas possibilita um desenvolvimento crescente em espiral. O fim de uma sequência propicia a continuidade de outra, levando ao amadurecimento e à formação do leitor crítico e competente para ler textos mais complexos com horizontes mais ampliados, tanto referente ao texto literário quanto às questões sociais.

### Considerações finais

Esse artigo teve como objetivo apresentar uma pesquisa com professores de uma escola pública sobre dificuldades com a leitura literária em sala, bem como apresentar atividades de leitura de textos diversos aplicando o Método Recepional em sala de aula. A pesquisa apresentada mostrou que uma das dificuldades, talvez a mais persistente, seja a falta de material. Dessa forma, procurando adaptar e facilitar a aula de Língua Portuguesa, foi sugerido o trabalho com textos diversos: músicas, história em quadrinho, poemas e contos. O professor poderá fotocopiar esse material

---

<sup>9</sup> DILL, Luís. *Todos contra D@nte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

para utilizar na sala de aula e depois recolher. Assim, possibilita criar o seu próprio material didático, custeando-o apenas uma vez e podendo trabalhar com textos mais interessantes, visto que o professor não está apto financeiramente para arcar com os desafios de falta de material.

Diante do exposto, pode-se concluir que o professor necessita de um suporte teórico-metodológico para nortear suas aulas. Percebe-se que a Teoria da Estética da Recepção e o Método Receptional auxiliam na organização e seleção de textos, alcançando, assim, os objetivos da formação do leitor. Segundo Bordini e Aguiar (1993, p. 152), a “adoção de um método pedagógico supõe que se optou por uma linha filosófica de educação. Essa escolha determina todo o processo de ensino-aprendizagem, orientando-o para um certo tipo de aluno que se prevê formar”.

Portanto, nota-se a importância do trabalho do professor apoiado em uma teoria e em uma metodologia. Assim, verifica-se que, tendo uma teoria que dê base ao professor e uma metodologia que norteie seu trabalho, é possível formar cidadãos aptos para desenvolver sua capacidade cognitiva, interagir com as palavras e seus diversos sentidos, possibilitando uma nova visão do futuro.

## Referências

- BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL, Governo Federal do. *Plano Nacional do Livro e Leitura*, 2010.
- BRONCKART, J.P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ, 1999.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- EVANGELISTA, Aracy et al. (orgs). *Escolarização da leitura literária - O jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1993.
- ZAPONNE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária - abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. ver. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos, 41).